



# Caixa preta

Nilson Galvão

*Para: Emília e Caio, meus amores. Meus pais, Pedro e Zilda. Dodó, Ção, Joãozinho, Néia, sobrinhos, tios, primos, cunhados, Luísa, JR, Dona Lícia, Dona Olga e o gato Chico: minha família. Maria Sampaio: gratidão. Marcus Gusmão e Ana Livia, pelo carinho e pelo marketing. Rogério Palmeira, primeiro leitor. Os amigos todos. Os é-amigos que ajudaram a tornar realidade esse livro: Aeronauta, Miro Paternostro, ChoriK, Ivonete Moniz Pacheco, Janaína Amado, Gerana Damulakis, Kátia Borges (Madame K), Martha Galvão, Bernardo Guimarães, Renata Belmonte. Márcia Rodrigues: gostaria que você estivesse aqui.*

## Sumário

Poema de uma linha só | 3  
Arqueiro | 3  
Um crente | 4  
Sem fim | 5  
Saara | 6  
Substantivo | 7  
Stanley Kubrick | 8  
Sem ideia | 9  
O vão das coisas | 10  
Caixa-preta | 11  
Pensa, Whitman | 12  
A palavra coisa | 13  
Cantiga de crer | 13  
Clareza | 14  
Outubro | 15  
Paralelepípedo | 16  
Uma tarde um Natal | 17  
Comer e beber | 18  
Aleivosia | 19  
O segredo | 20  
Televisão | 21  
O coração mole  
das pedras | 22  
Esses dias | 23  
Crendo, crendo | 24  
Epifania | 25

Huno | 26  
O menino chora | 27  
A criança insiste | 28  
Poesia pra quê | 29  
Epístola aos crentes  
e aos não crentes | 30  
Poetas morrem cedo | 31  
Desde que não durma | 32  
Balança | 33  
A vida não é romântica | 34  
Barato total | 35  
Cachorro velho | 36  
Saturno | 37  
Um dia sem dúvida | 38  
Sábios blues | 39  
Desenho animado | 40  
Li Po | 41  
Billie Holiday | 42  
Homem subindo  
a ladeira | 43  
Morte | 44  
Por aí | 45  
Manifesto | 46  
Como diria  
Nostradamus | 47  
Eu vejo aquém | 47

## Poema de uma linha só

Leveza, nessa vida, é a linha de partida.

## Arqueiro

Deixe que o silêncio  
venha, roce tua pele e  
ouça: tudo que teu  
coração. Deixe que o  
silêncio saiba, nada  
que não seja muito,  
vozes em teu colo e  
nunca, dardos na  
escuridão. Deixe  
que teu corpo arco,  
que esse nada que é  
teu corpo flecha, que  
esse vão que no teu  
corpo presa, que se  
espreita sem qualquer  
razão.

## Um crente

Sou o veículo dessa história  
qualquer em meu coração  
sem prumo. O destino se esqueceu  
de mim: sem destino quase não saio  
de casa, a não ser por aí para  
surpreender uns acasos, uns achados,  
uns dados, umas ideias, três ou quatro,  
sem dono e sem segundas intenções.  
Fui talhado para o esquecimento, sua  
glória eterna, o esquecimento, seu  
dom divino, seu cristal de brilho  
turvado por toda a luz possível e a  
treva possível, e a beleza e o horror,  
e este ser onde as palavras se  
perdem por extensos labirintos de  
desejo sem alvo. Alvo de um desejo  
sem alvo: sou um arauto do fim.

## Sem fim

Quando formos ao rio de Heráclito,  
vamos perguntar pelo que pode ser.  
O que pode ser meu caro Heráclito,  
o que pode ser, rio de mim.

Como pode uma tarde de sábado,  
ou um rio de janeiro sem fim,  
ou as águas de março no âmago  
desse rio vermelho carmim.

## Saara

Sou um homem condenado ao novo século,  
homem de fé duvidosa  
neste novo século. Sou um homem de séculos  
atrás, adiante, sem tempo, esse medo  
sem tempo, esse frio de madrugada sobre  
todo o Saara, o Saara meu espírito velho  
desordenado de batalhas pueris  
pelo bem, pelo mal, pelo céu, pelo chão,  
caminho chão, caminho chão, caminho  
chão. Sou de todas as maneiras e não sei  
qual delas me redimirá, meu erro de ser  
e de querer sê-lo, meu fundo mergulho  
no sonho de areia, de vento, de sol,  
de silêncio, de sede, de sorte, de assombro,  
de canções intermináveis entoadas de si  
para si.

## Substantivo

A memória carne meus dedos,  
o silêncio nuvem meus olhos,  
o martelo folha meu couro,  
e poeira meus lábios, e parede  
meus pés, e cascalho com um gosto  
de quem músculo, e líquido.  
E eu caderno meu sangue.

## Stanley Kubrick

Toda a vida vai passar na tua frente  
como um filme de Stanley Kubrick.  
A infância, o que tramou,  
a juventude, o que tramou,  
e o sonho de amadurecer  
e envelhecer tentando não se render.

Toda vida poderia ser um filme de  
Stanley Kubrick: quem é que vai te segurar  
quando for grande o medo  
de flutuar?

E se a vida de repente for um filme de  
Stanley Kubrick? E tudo aquilo que sentimos  
não for nada que sentimos, na verdade estiver  
longe daqui?



## Sem ideia

Algo entre o céu e a terra  
que não seja vão: quem sabe  
partir sem ideia, para onde? Para  
o destino que sempre há, embora  
se mova, o destino, mude de forma  
a todo momento, evite qualquer  
compromisso com esperanças  
quaisquer. E nunca se chega  
propriamente ao destino porque  
danem-se os planos, ele diz,  
vamos fazer outra coisa,  
escolher ou ser escolhidos,  
ou ambos, o destino brinca,  
é a única verdade a seu respeito,  
ele brinca, gosta de bancar  
o dramaturgo enviesado:  
geniais viradas da sorte  
multiplicando a emoção,  
o sentimento, criando climas,  
colhendo revezes e ao invés. Por isso  
a forma sem ideia com que se  
apresenta, a improbabilidade,  
a graça-desgraça,  
a vertigem do seu longo  
desvão.

## O vão das coisas

Todo intervalo, toda pausa, algo em tudo  
[denuncia  
o vão. Onde não somos e no entanto ousamos  
cabrer. E é inútil saber.  
Quem, afinal, poderá dizer de que é feito esse  
[poroso  
espírito, de tempo-espaco ou que porréessa de  
[física  
quântica nova metafísica pra explicar o fundo  
erro de quem sabe deus, profundo oco, deus,  
um velho nome pra vertigem de sempre, deus,  
o dono do circo, lona furada, trapézio, joelhos  
[inchados,  
mágica de almanaque, de araque, malabares e  
[a graça  
do palhaço que intui: toda a turnê da  
[companhia  
não passa de dramalhão. Um único ato em vão  
[E nem pense  
em niilismo. Não se trata de nada: é de tudo  
[que se trata.

## Caixa-preta

Coração, caixa de guardar  
o que em seu couro  
repercute. Caixa do peito,  
invólucro do tempo, ouve  
o relojoeiro maluco, que nada,  
que tudo, que nada, que tudo,  
que nada, que tudo.

Caixa de abrir-se diante da ciência  
e negar-lhe a verdade, se o gato  
morreu, se viveu, se morreu, se viveu,  
se morreu, se viveu. Coração caixa oca,  
bumbo da crueza, bumbo da beleza,  
bumbo da incerteza.

## Pensa, Whitman

Pensa, Whitman, a poesia triunfou.  
O homem só pode viver do que sonha,  
e de sonhos é composta toda a trama  
que há em volta. Toda maravilha  
do mundo.

Calcula, Whitman. Toda a extensão do teu  
[amor  
não abarca a extensão do que veio e virá  
para além dos teus versos. Mas  
o amor, Whitman, foi inventado pela poesia,  
e a ela deve tudo. A poesia  
triunfou.

## A palavra coisa

A palavra coisa, que estranha:  
feito objeto sem forma.

## Cantiga de crer

Creio em deuses sutis  
que podem bem ser um  
e ser mais, que podem  
ser apenas a luz, ou essa  
falta de, essa não. Creio  
em deuses senis, em  
outros pueris, colibris.  
Creio na salvação, na  
minha, e na de qualquer  
irmão. Creio no meu  
amor, e ainda no de  
seja quem for. Creio  
quase sem crer, como  
se fosse assim por  
prazer.

## clareza

É chegado o tempo da beleza fora da beleza,  
da fé além da fé,  
do poder sobre os escombros do poder.  
Hora de esquecer a história como lhe  
[contaram,  
e recontá-la como tem que ser.  
Palavra por palavra,  
a paixão e a ternura em cada sílaba.  
Friccionar as palavras,  
esfregar-lhes o bojo até sair o gênio.  
Três vezes desejar uma só coisa:  
clareza, clareza, clareza.

## Outubro

Outubro se fez de sol  
e de chuva, de flores,  
de lágrimas, e se fez  
distante, densa memória,  
memória frágil. Outubro  
se liquefez, e então correu  
no relevo dos dias, das horas  
e do tempo fora do tempo,  
onde tudo havia: cenas de relance,  
narrativas inteiras e décadas  
inteiras com suas curiosas  
imprecisões. Outubro foi  
guardado no bolso, como um  
pacote de maravilha letal, insondável,  
condensada. Vestimos outubro,  
calçamos outubro e nos preparamos  
para depois, e depois e depois  
de nós mesmos.

## Paralelepípedo

É claro, é noite: preciso dormir e  
nem sei dormir se me dou conta.  
Meu coração faz acrobacias  
noturnas, mente meu  
coração faz inúmeras, insolúveis.  
Ruído de motor lá fora,  
ruído de máquina. Eu,  
máquina, espero pelo sinal  
qualquer um: hora de  
voltar à infância e rever o cachorro  
velho a perseguir os carros por  
toda a rua, nada além do fluido  
alcance da corrida infindável,  
rua para sempre, crispada de todo  
paralelepípedo.



## Uma tarde um Natal

Acho que era uma tarde  
de dezembro como todas as  
tardes costumam ser quando se  
espera pelo fim, o fim de  
dezembro e o novo, e o novo.  
Acho que nos deixamos levar  
por um excesso de ironia, talvez,  
e não fomos às compras e muito  
menos ficamos assim, sentimentais.  
Era uma tarde dessas de  
dezembro e zombamos  
da vida como quem olha de dentro  
dela, não de fora. E desse  
ângulo pareceu evidente  
que a tristeza era o artigo luxuoso  
de todas as festas. E rimos disso  
também: bobagem também.  
E nos demos conta de que era Natal,  
mas essa história toda  
logo passaria.

## Comer e beber

Gosto de dormir tarde,  
de acordar cedo, gosto  
de dormir e de acordar.  
Gosto de comer a vida  
e de beber a morte no  
mesmo jantar, gosto  
de sentar à mesa  
sem comer ou beber.  
Gosto de deixar caírem  
os pingos de chuva,  
gosto de colher a chuva  
inteira em minha taça  
ritual e não beber: guardar  
para sempre e derramar o  
conteúdo para sempre  
sobre os homens. Gosto  
de pensar em pessoas  
cheias até a tampa,  
a transbordar sobre  
outras pessoas feito  
uma grande pirâmide  
de taças. Gosto de pensar  
em pessoas vazias à espera  
de comida e de bebida.

## Aleivosia

Cuidado com tudo isso  
que não te espera,  
que tudo isso que não  
te espera nada mais é  
que teu fado: e eis que  
vem vindo algo mais  
que à noite não se vê, não se  
distingue na floresta  
das visagens, das insônias,  
dos meandros deste ser  
que se desvela.

Cuidado sobretudo com  
as palavras que deixaram  
de existir.

## O segredo

Ainda que acredite não saber,  
eu afirmo: você sabe,  
desde o começo você sabe,  
desde as cavernas e aquém.  
O segredo é precisamente  
assim: de alguma forma  
você sabe, e, seja como for,  
isso não faz diferença alguma.

## Televisão

O que é indubitavelmente seu:  
defeitos ou qualidades cotidianas,  
como acordar cedo, ou tarde,  
consertar trecos,  
ter chulé, mau hálito  
ou roncar. Idiossincrasias, enfim.  
Já o dom, o que quer que você faça  
ou tenha de extraordinário  
não é seu de forma alguma, mas  
uma substância que permeia,  
paira, e chega até você por uma  
antena como essas de televisão.  
E daí que sintonize melhor que  
o vizinho? Restaria o que, se  
de repente interrompessem  
a transmissão?

## O coração mole das pedras

O coração mole das pedras  
clama por humanas incursões:  
magma, gaia, galvanizáveis  
emoções ultra-terrestres,  
rochas hipnóticas em busca de  
pessoas firmes o bastante para  
quebrá-las, flexíveis o bastante  
para fazê-las bailar.

Bloco de granito no espaço, o  
planeta nos viu assim,  
desde o começo: martelos e formões  
capazes de ferir, de abrir cicatrizes, de  
dar-lhe formas novas embora com dor,  
por amor ao certo, ainda que talvez  
inadvertidamente.

## Esses dias

Têm sido raros os teus dias,  
sinto na pele teus dias  
inteiros, aqueles preenchidos  
com vertigens e outros indícios  
de delicadeza quase fuga  
pros arredores dos nossos  
umbigos. Penso em dias como  
os teus e eles brilham todos os  
dias, capaz de chover e fazer sol  
e depois os dramas crepusculares  
e essas noites amenas e as  
madrugadas, sobretudo aquelas  
dessa lucidez incontrastável  
do amanhecer.

## Crendo, crendo

Todos deveriam deixar de saber  
um dia. Nossas ideias esquecidas  
numa caixa de guardados

sem uso, nossos corações em dúvida.

Todos deveriam deixar de sonhar um dia.

Nossos destinos verdes de se cumprirem,  
prontos para ouvir as canções do tempo,  
canções de vida ou de morte,  
de amor e desamor e desordem.

Todos deveriam errar pelo mundo,  
errar, errar como doidos.

Errar de si mesmos: a sorrir, enternecidos,  
diante de pistas falsas, do brilho das pistas  
falsas, da ingenuidade mesma das pistas  
falsas. Todos deveriam crer em coisas incríveis  
como os olhos de ver e a beleza de se ver com  
esses olhos de ver e se fazer inteira como um  
milagre ou um grande choque para sensibilidades  
frágeis, habituadas apenas a olhar em volta e a  
reconhecer, como se fosse mesmo possível isso de  
reconhecer. Todos deveriam, com urgência,  
deixar de saber.



## Epifania

Claro que sim, claro que não.  
Minha dor, ardilosa, dilui-se às vezes.  
O amor que trago me concebe  
às vezes. Quanto a mim, são palavras  
as vozes que escuto. Palavras ditas por  
anjos e demônios, que sou anjos e  
demônios descrentes de crer. Peço  
que não me conjure enquanto durmo,  
enquanto circula a delicada substância  
dos sonhos. A instável substância  
encapsulada, a torrente incalculável  
que explodiria se trincasse o vidro,  
se a dor destravasse. Tenho parte com  
tudo. Nas horas vagas me esqueço  
de tudo.

## Huno

Não distingo flores de ervas daninhas,  
não distingo sombras  
de clareiras, não quero ser o que esperam,  
porque sou a surpresa  
de sempre.

Huno, meu peito quer ir o mais longe  
possível, vencer estepes, montanhas,  
dançar a morte nos prados, minha morte,  
a morte em si, cavalgar o pavor, bancar  
o flagelo, toldar o império, ir a Roma,  
arreatá-la, consumi-la, deixá-la.

Perplexo bárbaro, surdo estribilho,  
veio de tudo, huno desígnio,  
carne que brota  
do chão.

## O menino chora

O mundo gira, o menino chora:  
dói o menino, onde mesmo será  
que ele sente essa falta, e se sente  
essa falta quem sabe girar pra saber  
que ela dói, que ela dói, que ela  
dói mas é breve,  
tão breve quanto o mundo  
que chora.

## A criança insiste

Talvez fosse tão cedo quando nos despedimos da infância – e ela tenha ficado, afinal, com aquela ânsia tão conhecida por continuar nas coisas desse jeito sem rodeios das crianças quando são. Talvez por isso tenhamos sentido, todos os dias desde esse dia, algo como um súbito desejo irrefreável de deixar a criança decidir.

## Poesia pra quê

Não se cria um deus num quarto  
de dormir; um poema, sim.

Não se cria um estado debaixo  
do chuveiro; um poema, sim.

Não se vai a Marte num piscar  
de olhos, mas se vai num poema.

Não se conjuga a beleza e o horror  
com um gesto apenas; mas isso se faz  
com um poema. Ninguém se rende à  
história, mas ao poema, sua carne  
alucinada.

## Epístola aos crentes e aos não crentes

Estamos sempre de volta a  
deus-seja-lá-o-que-for. Nos liberta,  
nos oprime essa ideia de  
deus-seja-lá-o-que-for. A tarde brilha  
de beleza sem propósito – haverá  
necessidade de deus? A tarde vai embora  
e a noite – será de deus o mistério da  
noite? Será deus? Meu coração se despoja:  
meus olhos se despojam: estou sempre à  
espreita de deus-seja-lá-o-que-for,  
e às vezes há pistas muito quentes,  
às vezes não. Jamais diga: deus não  
existe. Muito menos: deus existe.  
Não existe, existe. Está onde não está.  
A grande invenção do homem;  
sua maior tolice. E, claro, não mate  
por deus: é sumo pecado matar por  
deus.

## Poetas morrem cedo

Às duas da manhã, para ser exato.

Tarde, é certo, para quem não dormiu ainda.

Por que morrer? Assim, de repente?

Porque se morre, é o que sabemos. Um pouco  
[a cada segundo.

Poetas morrem, de madrugada, a morte sutil  
[dos inviáveis.

Fundem-se, num amor absurdo, à irrelevância  
[do ser, sob a grande abóbada

do infinito ao redor.

Poetas são uma prova da reencarnação: pois  
[vivem, após tantas mortes.

## Desde que não durma

Tenho visitado um velho mito recôndito:  
a inocência. Mergulho em doloridas paisagens,  
vasculho sereias, cavo túneis, corto os bairros  
proibidos à espreita de sangue inocente: uma  
[pessoa  
que seja, capaz de entender linguagens arcaicas  
ditas em horas vagas de dias vagos de eras vagas de  
corpos vagos.

Evoco a inocência, e ela vem vazia: pronta para  
[encher-se  
de tudo, para corromper os olhos mais velhos da  
[terra, para  
dizer qualquer coisa em qualquer língua, viva ou  
[morta,  
baixar em bichos, pessoas ou seres inanimados  
como os acessórios de toda gente.

Santa inocência nos revólveres, nas fitas  
[pornográficas, na cruz e nos livros de  
filosofia, santa inocência pra quem sabe um dia  
[cuja noite seja  
um dia cuja noite se afirmou.

A ignorância dos insones: sua dificuldade ante a  
[evidente limitação da vigília:  
[luta perdida por quem gostaria de não  
[desgrudar da realidade  
[aí fora nem um minuto, de nem por um  
[segundo perder o espetáculo,  
[de por nada colapsar quando é de colapsar  
que falam os atos dos homens, quaisquer atos, de  
[quaisquer.

Uma fome danada, a inocência.



## Balança

12 quilos mais magro que há nove anos,  
16 quilos mais gordo que há quinze anos,  
alguns anos mais jovem que tempos atrás,  
muitos anos depois de ter ido  
pela primeira vez ao poço,  
mais ingênuo que de costume,  
menos que gostaria,  
um tanto inexperiente, outro experiente,  
velho a caminho da morte como todos nós,  
e como todos, novo, inapelavelmente novo  
a cada mudança de pele.

Pronto para ir, desprevenido no entanto  
para ir em circunstâncias não imaginadas.

Ir à praia, ir à montanha,  
ir ao enterro de umas ideias,  
ao nascimento de seres sem ideia.

Alguns milímetros mais alto ou mais baixo,  
a depender da fita métrica.

Alguma gordura preservada no abdome,  
para o caso de ficarmos  
sem provisões no inverno.

## A vida não é romântica

A vida não é romântica, aliás a vida não assiste à novela, não vê graça em pessoas felizes para sempre ou infelizes para sempre.

A vida às vezes gosta daqueles filmes europeus ou japoneses em que nada acontece. Às vezes, vá lá, tem uns filmes americanos em que pelo contrário há peripécias em cascata e sim, a vida aprova, sorri satisfeita sentada no sofá da sala, a vida, ela mesma, que aliás não é nada burguesa como faz supor o sofá.

A vida tampouco é proletária, e aristocrata muito menos.

Que seja grega, indiana, hebréia, ela é antiga de qualquer sorte.

A vida também não é trágica: talvez se contente em ser assim uma despojada anedota de salão.

## Barato total

Supermercado, meu corpo desliza  
de desejo em desejo. Sorria, você  
está sendo filmado pelos olhos  
amorfos displicentes da verdade  
esse rótulo. Pagarás por tudo quando  
for chegada a hora. Nada levarás  
se nada tiveres. Eis o mistério  
da fé.

## Cachorro velho

Sou cachorro velho, fecho  
os olhos e sou cachorro velho.  
Crio carrapatos. As feridas coçam, e  
da minha boca escorre  
saliva de cachorro velho.  
Escuta meu coração cru  
de cachorro velho.  
Escuta meu coração cruel  
de cachorro velho.

## Saturno

Só o que esconde  
é verdade, e eu que me  
exponho desvelo desnudo  
não sou  
de verdade  
não sou,  
veja bem, é bem tarde,  
mais tarde que o dia  
jamais ousaria, passei  
de mim mesmo, cheguei  
à janela no claro no escuro  
no ermo no vário,  
nem tudo me explica,  
nem tange, nem tenta,  
nem mexe comigo meu  
santo pagão cujas dores  
eu sinto. Se é noite  
eu não minto.

## Um dia sem dúvida

Ando pelas horas e inauguro o tempo, conjuro  
frações de segundo, milhares de anos.

Rendo-me, no entanto, ao dia,  
sem relógio, sem calendário,  
sem dúvida.

## Sábios blues

Um dia, quando formos à praia  
surfaremos na onda escarlata  
de um mar feito vinho,  
difícil saber.

Seremos tragados por vagas de espumas  
diremos que o mundo é um porre,  
é demais.

Faremos apostas pelo fim dos tempos,  
daremos um jeito, durante o mergulho,  
de sermos banais como todos os seres  
que somem na areia, na areia sem dono  
sem deus, sem razão, sem fazer do desejo  
essa cruz.

Seremos criaturas expostas ao céu.  
Faremos milagres sem dó nem piedade.  
E demonstraremos que o vento é fiel.  
Fiel aos apelos da pele que arde.

Sábios blues, blues de sábios.  
Sábios blues, blues de sábios.

Assim falou o cara embaralhando as cartas,  
e assim se fez.

## Desenho animado

Coração quente, coisa maluca,  
Inclusive não creio em deus  
ultimamente,  
minha religião é um rascunho de outra  
que se reinvente,  
se é que me entende: ateu que nada,  
encharcado de deus,  
mas querendo dar um tempo  
pra ver como é que fica.  
Minha religião  
não vinga.



## Li Po

Brindávamos com  
a substância do tempo;  
o poeta evocara o sorriso  
da dançarina  
meio embriagada.  
Nada melhor que tal vertigem,  
ele disse, nada como sorver  
todos os dias, inteiros,  
até o último gole  
da noite.

## Billie Holiday

Você disse Billie Holiday,  
meu coração parou  
no meio do compasso  
dessa noite. Meu coração é só  
batuque e festa,  
meu coração é só  
batuque e flerte,  
meu coração se foi  
na multidão.

## Homem subindo a ladeira

Homem subindo a ladeira,  
melhor nem pensar em distrair  
seus músculos que sobem.

Tônus, ó deus tônus, divindade  
não-dita dos iogues,  
protegei o homem que sobe.

Tônus, ó deus tônus, subir  
é divino, descer também,  
mas bem menos.

Homem subindo a ladeira,  
cereja do bolo depois de andar tanto.  
Andar por aí, por dentro e por fora  
de si.

## Morte

A morte, intransponível, no entanto nos visita.  
E dizemos deus, e dizemos tempo,  
e dizemos nada.  
E nada não é coisa que se diga, se ela existe.

A morte, incontrastável, entretanto nos  
[conforma.  
E ganhamos deus, e ganhamos tempo,  
e ganhamos nada. E nada não podemos obter,  
se ela é plena.

## Por aí

Ando pelo meio-fio meio  
sem jeito para o próximo  
passo, quem sabe cair da  
calçada para a rua – buraco  
do mundo, rua de enxurrada  
de levar tudo pra longe, bem  
longe, onde tudo termina  
perdendo senso, direção,  
fim. Quem sabe cair da  
calçada para dentro de  
casa essa casa oca, ideia  
de casa plantada na terra  
de ninguém, mas ninguém  
mesmo: só eu, no meio-fio,  
entre essas e outras curiosas  
hipóteses.

## Manifesto

E nesse gesto imperfeito  
de pequenos microscópios  
exercícios, lacerar com  
palavras o que se vê e o que não.  
E nesse gesto imperfeito  
seguir.

## Eu vejo alguém

Você não sabe, eu vejo alguém,  
alguém da minha pele.

Você não sabe, eu sei.

Pode ver o que eu não vejo, ver além,  
mas aqui, de onde estou,  
eu vejo assim.

Enxergo fósforos acesos aqui dentro,  
faíscas infinitesimais  
que podem bem ser o estopim  
do próximo big bang.

Você não sabe, eu sei  
o que explode antes  
de sair.

## Como diria Nostradamus

Tudo é imprevisível,  
o passado sobretudo.

*Copyright 2009.*

Todos os direitos desta edição reservados à P55 Edições.

*Coordenador da Coleção*  
Claudius Portugal



*Projeto gráfico*

*Edição / Capa*

P55 Edições – André Portugal e Marcelo Portugal

*Editoração eletrônica*

Carla Piaggio

*Foto do autor*

...

*Normatização Bibliográfica*

Maísa Menezes de Andrade

*Impressão*

Cartograf

---

**172 Galvão, Nilson**

**Caixa Preta. / Nilson Galvão. — Salvador : P55**

**Edições, 2009.**

**48p. — (Coleção Cartas Bahianas, 1)**

**ISBN: 000-00-00000-00-0**

**1.Literatura Brasileira – Poesia. I.Título. II.Série.**

**CDD 869.91**

---



Av. Tancredo Neves, 1485. Sala 1301.

Ed. Esplanada Trade Center

Caminho das Árvores

Salvador, Bahia, Brasil.

Telefax: +55 (71) 3272-2000

[www.p55.com.br](http://www.p55.com.br)